

Com certos poetas de valor e seus imitadores, a literatura brasileira andou se enchendo ultimamente de “mulheres ausentes”, “amadas ausentes”, que as mais das vezes eram também “impossíveis”. Mas não é disso que vou tratar, nem tenho culpa que o meu título, imaginado há mais de dez anos, coincida com um estado de sensibilidade dos nossos poetas eruditos de agora.<sup>465</sup> O que pretendo é contar aos leitores portugueses alguns resultados que já alcancei nas minhas pesquisas, através do populário luso-brasileiro, sobre um complexo marítimo. Complexo inicialmente marítimo, porém que, no Brasil, tornou-se terrestre também.

A Dona Ausente é o sofrimento causado pela falta de mulher nos navegadores de um povo de navegadores. O marinheiro parte em luta com o mar e, por todas as dificuldades que fazem o trabalho marítimo, é obrigado a abandonar a amada em terra. O ramerrão do mar, em síntese, é o mesmo da terra, luta pela vida, comer, dormir... Mas a dona está ausente, e sem dúvida este é o mais sofrido dos males a que o marujo está exposto em viagem. O mar todo-poderoso exige dos que lhe manejam o rito, viverem em castidade completa. Mas a saudade da mulher persegue o casto, o desejo dela o castiga demais. E o marujo, especialmente o lusitano que foi o maior dos navegadores, busca disfarçar o martírio nas imagens e nos símbolos da poesia. O folclore luso-brasileiro se enriqueceu, com isso, de uma série numerosa e admirável de quadrinhas e cantigas.

Porque, se as origens do complexo são incontestavelmente portuguesas para a nossa língua, e portuguesas quase todas as suas derivações, o brasileiro não só conserva muito vivo tudo o que herdou, como deu mil e uma variantes à herança e a acrescentou de umas poucas invenções novas. Depois da dona ausente no mar, o colono aportado veio curtir aqui a dona ausente na terra. E principiaram logo as queixas da América, pedindo mulheres, mulheres. Não citarei a conhecidíssima carta de Nóbrega, mas lembro que também frei Miguel de São Lourenço, exaltando a terra de São Paulo, pedia a el-rei que mandasse duzentos casais de gente de Entre-Douro e Minho. E de Portugal vinham mandadas, mas sempre escassas, as órfãs e as “quaisquer” de que falara Nóbrega. É visível a preocupação de dar mulheres à Colônia em alvarás, como um de janeiro de 1603, punindo com degredo para o Brasil as recadistas das freiras. E vinham também as mulheres ciganas desde o primeiro século. E ainda no século XVIII eram degredadas para cá todas as mulheres que deitassem sortes ou falassem o calão. E ainda neste mesmo século, D. João V protegia com engodos especiais as açoreanas moças que se dispusessem a vir para o Brasil. E a falta de mulher, principalmente nos sertões vastos e desertos, continuou veemente entre nós, até agora. João Rodrigues de Brito em 1807, como José Veríssimo, Afrânio Peixoto e Euclides da Cunha em nossos dias, ainda verificam o fenômeno. E talvez a ele se deva, pelo menos em grande parte, a perseverança tão viva das manifestações do complexo em nosso folclore atual.

Uma primeira e fácil transposição da dona ausente está no dar nomes de mulher às embarcações. Não citarei os numerosíssimos exemplos. Mas lembro uma quadrinha que diz também da condescendência com que o rito da castidade olha as mulheres de terra estranha:

<sup>464</sup> Artigo assinado por Mário de Andrade na revista *Atlântico*, n. 3. Lisboa-Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Propaganda – Departamento de Investigação e Propaganda, 1943, p. 9-14.

<sup>465</sup> Nota da edição: No ensaio “A volta do condor” (1940-1941), MA aponta a “amada ausente” como um dos temas que freqüentavam a poesia erudita do período: “Onde iremos parar com este novo convencionalismo do profundo, que tudo reduz à Morte, a Deus, à Amada Ausente, num novo encurtamento do assunto ao tema?”. Cf. Mário de Andrade, *Aspectos da literatura brasileira*, São Paulo, Livraria Martins, s. d., p. 171.

Mulatinhas são barquinhos,  
As crioulas são saveiros:  
Que belas embarcações  
Para embarcar marinheiros!

Já o nosso Gregório de Matos repetira isso mesmo com salgadíssima aspereza, que não quero citar. Mas não quero esquecer que essa condescendência provocada pelo rito da castidade marinha é risonhamente encontrável no entusiasmo com que os nossos primeiros cronistas elogiaram as índias. Em Vaz de Caminha a preocupação chega à impertinência, e mulher não vê que não lhe cite logo as “vergonhas”. Ivo d’Evreux se delicia com a esbelteza dos corpos, e Pero Lopes chega a especialista quando prefere as índias do Rio de Janeiro às da Bahia, vivam as cariocas!

Mais instrutivo para o nosso complexo é a comparação mulher-peixe tão generalizada entre lusos e brasileiros. Vamos logo sofregamente aos “peixões”, sendo de notar que jamais nos lembramos de chamar às mulheres, elogiosamente, de galinhas, vacas, cozidos ou vatapás. Para lusos como brasileiros as mulheres são presentes admiráveis do mar. No Pará, menina apetecível é “casquinho”, aludindo a um dos melhores pratos que nos fornece o caranguejo. Ficou célebre, na anedótica portuguesa, a troca das infantas portuguesa e espanhola que iam se casar com os príncipes do Brasil e das Astúrias. A menina portuguesa era linda e a espanhola horrenda. E os remeiros portugueses das galeotas reais comentaram que, se tinham dado aos espanhóis uma “pescada do alto”, estes mandavam em troca uma “sardinha petinga”. Da imagem mulher-peixe, eis uma portuguesa:

Fui ao mar caçar peixinhos,  
Cacei uma rapariga:  
Se eu assim caçara sempre,  
Eu nunca do mar saíra...

A que os gaúchos respondem:

Pescador que andas pescando  
Lá para as bandas do sul  
Pescador, vê se me pescas  
A moça do lenço azul.

A substituição mulher-peixe, não implicando símbolo, parece realmente derivada da dona ausente. Não deriva do mito da sereia, aliás vivíssimo também entre nós, e só o tenho encontrado em Portugal e no Brasil. Os africanos, pelo contrário, é à mulher repulsiva que chamam “peixe”.

Outro tema que, desconfio, pertence exclusivamente ao folclore luso-brasileiro é o da Cana-Verde, que é um legítimo “símbolo”, no sentido da psicologia contemporânea. Leite de Vasconcelos o anteviu quando diz que “há muitas cantigas em que parece que as raparigas são chamadas alegoricamente de caninhas”. Não se trata de uma alegoria mas exatamente de um símbolo em que se ajuntam muitas noções, como, por exemplo, a imagem fálica. A ele também se ajunta a noção do filho-das-ervas e a da água fecundadora – aspecto que me é impossível provar nesta síntese angustiosa. A cana-verde é também a dona ausente. É o que explicam quadrinhas aparentemente disparatadas de uma coleção numerosa:

A cana-verde me disse  
Que eu havia de ir com ela:  
Vai-te embora, cana-verde,  
Que eu vou para a minha terra.

A minha caninha-verde  
 Anda à roda do vapor;  
 Inda está para nascer  
 Quem há-de ser o meu amor.

Na primeira quadra a cana-verde é o encanto da mulher de porto que o marujo repudia, para voltar ao lar. Na segunda, a rapariga, a dona ausente, a caninha-verde anda à roda do vapor, perseguindo o rito da castidade, e, para afastá-la, o marujo a classifica de transitória, não passa de uma falta física, pois a que será o seu verdadeiro amor, inda não nasceu, inda ele a não conhece. E Tomás Pires veio provar tudo isto definitivamente na variante que colheu, em que apenas o primeiro verso é substituído por: “A sereia (sic) anda no mar”.

Além destas maneiras de recalcar a dona ausente, o complexo recebeu algumas sublimações admiráveis. A mais bonita, a meu ver, foi a invenção do tema das “Bandas d’Além”, manifestado em várias centenas de documentos. Este símbolo novo nada recalca. A dona ausente está reconhecida e aceita como tal, e o marujo procura sublimá-la numa evasão que a suavize e facilite.

A maneira mais numerosa foi tornar as bandas d’além bem próximas da santa terrinha. Substituíram a imensidade oceânica por um rio, e a dona ausente ficou apenas “do outro lado de lá” do rio. É certo que esta noção já fora trovadoresca, mas foi adotada em mil e uma quadrinhas. Cito apenas uma das mais belas:

Coitadinho de quem tem  
 Seu amor além do rio,  
 Quer lhe falar e não pode.  
 Do coração faz navio.

Ora, uma das variantes esclarece a sublimação, quando diz: “Coitadinho de quem tem/ O seu amor no ultramar”, mostrando a consciência com que a noção trovadoresca foi adaptada à dona ausente.

A esta imagem, que é de toda a península ibérica, se juntou o tema universal de Hero e Leandro, na série numerosa de cantos que falam em atravessar o mar ou o rio a nado. Eis uma quadrinha do ciclo, colhida em Goiás:

Travessei o rio a nado.  
 Eu saí foi de mergulho:  
 Somente para te ver.  
 Beiço de caju maduro.

As bandas d’além deram outra sublimação, provavelmente de origem onírica, em que surge a imagem da mulher no meio do mar ou vindo para o marujo. Essa vinda está dificultada numa série ibérica também numerosa de quadrinhas, em que a dona ausente exige que o amante “mande ladrilhar o mar”. Outra série caracterizada pela imagem de rodear o mar, expressa no verso-feito português: “Já corri o mar à roda” ou: “Eu fui à roda no mar”. Noutra série, a dona ausente está num rochedo, ou coisa parecida, “no meio daquele mar”, a que se junta uma noção de impedimento qualquer. Eis como canta Portugal:

No meio daquele mar  
 Tá uma cadeira de vidro,  
 Onde o meu amor s’assenta  
 Quando quer falar comigo.

Ou, mais sublimemente, ajuntando à imagem a noção de impedimento:

No meio daquele mar  
 Está uma pombinha branca;  
 Não é pomba, não é nada,  
 É o mar que se alevanta.

Noutra variante desta miragem surge a mulher vinda numa barca. É outra série numerosa de quadrinhas e de rodas, pelo menos aqui no Brasil relegada muitas vezes ao folclore das crianças. A noção de impedimento faz com que a dona ausente não possa chegar até nós porque: “A canoa virou” ou: “o remo caiu, quebrou-se/ Lá no alto mar”. Outros impedimentos ainda, como o dos “passadores” que se recusam a reunir os amantes, ou o aviso de que a mulher não presta: “Não é mulher, é a morte” ou “é casada e tem marido” ou “é mulher de soldado”. E entre os mais graciosos impedimentos está o brinquito da “Viuvinha das bandas d’além” que quer<sup>466</sup> casar, lhe oferecem marido pronto, que ela recusa misteriosamente, não se sabe bem por quê. Aliás, a “viúva” está gravada no cancionário português numerosamente, não como a mulher a quem morreu o marido nas bandas d’além, mas como no romance da “Bela Infanta”.

Estes são os aspectos principais que já pude descobrir, do complexo da dona ausente. Já possuo talvez mais de um milheiro de documentos que o denunciam e que se esclarecem com ele. Sou de opinião que o povo jamais diz “disparates” quando canta, a não ser quando é o próprio disparate cômico a finalidade da cantiga. Tudo tem significado funcional e coletivizável. As noções concebidas do complexo da dona ausente podem ser vagas, mas perfeitamente analisáveis à luz da psicologia. E por vagas, justamente, é que puderam se generalizar melhor e adquirir o seu principal valor lírico. Assim vagas, transferidoras ou sublimadoras é que puderam utilizar as energias afetivas do ser, transportando-as para uma funcionalidade social, mais elevada moralmente. Recanto de evasão em que os tântalos da dona ausente se acalmavam, confessando o seu mal mas sem a brutalidade dele, sem o sofrimento, os exasperos, os desvios e saudades que ele acarretava.

---

<sup>466</sup> Nota da edição: Corrigimos “quere” por “quer”.